VII — Para que serve o Papa-Rei?

> **Sumário.** Mentiras contra o seu governo.

Ouço mil vozes que gritam:

> *Também nós queremos o Papa, é preciso que haja um Papa. Mas há o Papa-Rei e o Papa-Pontífice. Se não queremos o primeiro, queremos o segundo. É para exaltar o Pontífice que rebaixamos o Rei. Se abolimos o temporal, é por amor do espiritual. O verdadeiro meio de enriquecer o Pontífice de amor e de veneração é despojar o Rei da sua coroa e dos seus bens. Deixai-nos fazer e vereis.*

Que veremos? Que vemos já? O que veremos, Deus o sabe. O que vemos é a obstinação dos vossos esforços para tornar o Papa-Pontífice impossível ou impotente. Mas, antes de mostrá-lo, examinemos por que o Papa-Rei vos desagrada tanto:

> *Ah! dizeis, é que os seus Estados são mal governados. É que Pio IX, surdo a todos os conselhos, obstina-se em permanecer estacionário em meio ao progresso universal. Os seus súditos nos causam pena.*

Estais bem seguros das vossas afirmações? Falai com sinceridade: por qual delas estaríeis dispostos a deixar-vos cortar, não a cabeça ou a mão, mas a primeira falange do dedo mínimo? A Inglaterra, a França e o Piemonte de hoje são para vós o tipo da civilização e do progresso. A esses países felizes comparais os Estados do Papa, e exclamais gemendo:

> *Que diferença! Aqui, abusos sem conta; lá, justiça e regularidade por toda parte.*

«Nos Estados do Papa: a legislação é incomparavelmente mais imperfeita.» Mentira.

«A autoridade menos paternal.» Mentira.

«*A justiça pior administrada.*» Mentira.

«*A miséria mais profunda.*» Mentira.

«*As finanças pior administradas.*» Mentira.

«*A liberdade*[1] *menor.*» Mentira.

«*A instrução menos adiantada.*» Mentira.

«*A propriedade menos respeitada.*» Mentira.

«*Os impostos mais pesados.*» Mentira.

«*A vida mais cara.*» Mentira.

Todas essas mentiras, e outras ainda, estão registradas em duas obras, irrefutáveis como a história. A primeira fala em números, e em números oficiais: chama-se *Roma e Londres*[2]. A segunda é do próprio embaixador da França em Roma, o sr. de Rayneval, que sem dúvida não era pago para fazer a apologia dos Estados do Papa. Num relatório diplomático, que não lereis, essa testemunha tão competente, falando de tão alto, diz entre outras coisas:

> *Não cesso de interrogar as pessoas que vêm denunciar-me os abusos do governo papal. Essa palavra é palavra de Evangelho. Mas em que consistem esses abusos? É o que ainda não pude descobrir...*

> *Todas as medidas adotadas pela administração pontifícia trazem o cunho da sabedoria, da razão e do progresso...*

> *Não há um só pormenor capaz de interessar o bem-estar, moral ou físico, das populações que tenha escapado à atenção do governo ou que não tenha sido tratado de maneira favorável. Na verdade, quando certas pessoas dizem que o governo pontifício forma uma administração que não pode ter por fim o bem do povo, o governo poderia responder: Estudai os nossos atos e condenai-nos se ousardes*[3].

Eis, porém, como sois enganados ou enganadores. E católicos têm a imprudência de fazer-se o eco de tais calúnias! Ignoram, então, que hoje a mentira, inventada por uns, espalhada por outros, é mais que uma arma? É uma potência. Ela tende, como prometemos mostrar, a tornar o Papa impossível ou impotente.

Notas

[1] Não confundir com a licenciosidade.

[2] Um vol. in-8º.

[3] *Recueil des traités*, etc., diplomáticos, etc. Paris, 1859.

Revision #1
Created 24 November 2026 23:17:47 by Admin
Updated 24 November 2026 23:17:47 by Admin